

RESENHA: SIMÓN BOLÍVAR POR KARL MARX

Review: Simon Bolivar by Karl Marx

Aginaldo dos **SANTOS** (Doutor em sociologia pela FFLCH-USP e membro do Núcleo de Estudos d'O Capital, São Paulo, Brasil)



Simón Bolívar

Este pequeno texto de Marx, escrito sob forma de verbete no final dos anos 1850 para uma enciclopédia estadunidense, é extremamente interessante para ser lido em um contexto de 200 anos dos processos de independência latino-americanos, comemorados agora em 2010. O texto de Marx, em si, pode causar certo estranhamento para aqueles habituados a ver na figura de Simón Bolívar um mítico líder americano, comprometido com a emancipação nacional dos povos então sob o jugo das metrópoles europeias. Por conta disso, o pequeno texto vem acompanhado de dois outros providenciais, uma introdução do marxista argentino José Aricó e um prólogo assinado por Marcos Rosenmann e Sara Cuadrado, ambos da Universidade Complutense de Madrid. Esses textos nos servem para situar com a maior precisão possível o contexto político e intelectual no qual Marx escreveu seu verbete sobre o “Libertador”.

Em uma rápida leitura, já nos primeiros parágrafos, notamos a singularidade do texto: o intelectual socialista não poupa críticas a Bolívar, classificando-o como o “mais covarde, brutal e miserável dos canalhas”. Passa boa parte de seu escrito tentando provar que os feitos de Bolívar foram ora produtos do acaso, ora consequência de traições ou golpes aplicados pelo líder venezuelano. Em outras passagens Marx parece não se incomodar com os comentários indisfarçavelmente preconceituosos com relação aos latino-americanos, como na seguinte passagem: “Entretanto, como a maioria de seus compatriotas, ele era avesso a qualquer esforço prolongado, e sua ditadura não tardou a degenerar numa anarquia militar (...)”.

Para aqueles militantes latino-americanos habituados a ver no “bolivarianismo” uma vertente crioula do socialismo, tal escrito não deixará de causar grande desconforto. É nesse momento que os textos supracitados chegam para nosso auxílio. Aricó explica que o verbete de Marx sobre Bolívar, que não foi publicado à época e só foi descoberto nos anos 1930, era normalmente explicado pelos cânones soviéticos como algo inconcluso, fruto de pesquisas inacabadas de Marx, que naquele momento não dispunha de material suficiente para uma qualidade mais próxima de seus textos clássicos. O marxista argentino não aceita essa tese, tampouco aquela associada ao eurocentrismo oitocentista do qual Marx seria partícipe. Para Aricó, a avaliação de Marx sobre Bolívar deve ser explicada tanto por uma vertente política (crítica às formas bonapartistas de governo) quanto por outra filosófica (a influência hegeliana quanto à incompletude histórica dos “povos sem história” e a negação das teses de Hegel quanto ao Estado formador da sociedade civil). Fundamentalmente, a aversão de Marx por Bolívar derivava da avaliação que ele fazia do panorama latino-americano, de uma região onde a sociedade civil (leia-se relações econômicas) não estava suficientemente madura para alavancar uma luta de classes com protagonistas bem definidos – burguesia e proletariado. Só restaria, nesses cenários, o advento de figuras caudilhescas apartadas dos processos sociais, promotoras de estruturas estatais hipertrofiadas.

O leitor de um texto como o *18 Brumário* não deixará passar a semelhança com a crítica a Luís Napoleão, o chefe do lumpemproletariado francês tão odiado por Marx. Mas Aricó não deixa de criticar a falta de rigor de Marx nesse texto, algo que não fizera em tantos outros, inclusive no citado *18 Brumário*. As fontes usadas pelo velho intelectual alemão eram francamente parciais, contra Bolívar, e principalmente faltou a “análise concreta da situação concreta” latino-americana, sua marca em boa parte da obra que nos legou, mas ausente nesse texto. Deixou de perceber o significado da luta de emancipação nacional que, mesmo sendo elaboração da elite crioula, possuía potencialidades para além desse projeto, por si portador de contradições. Um exemplo: o presidente do Haiti à época ofereceu ajuda a Bolívar, em troca da promessa de promover a abolição da escravidão nas colônias espanholas. Mesmo sendo Bolívar um latifundiário e proprietário de escravos (promessa, aliás, não respeitada)! Aricó deixa claro que esse tipo de contradição e suas possibilidades não passavam despercebidas de

Marx quando analisava outros contextos, mas aqui sua opção político-filosófica o impossibilitou de aprofundar a análise.

Já Rosenmann e Cuadrado, mesmo considerando a pertinência das críticas de Aricó, exploram uma outra frente aberta pelo texto de Marx: a iconoclastia dos mitos fundadores. A construção da figura do “Libertador” foi obra das elites nativas latino-americanas, chegando quase à unanimidade (o que tornou o verbete de Marx ainda mais estranho à época). Não raro se comparou Bolívar com outros protagonistas do período, como o príncipe D. Pedro de Portugal que manteve a dinastia dos Bragança no Brasil recém-independente, este visto como um olhar bem menos positivo. O grande mérito do texto de Marx, segundo os pesquisadores madrilênos, foi apontar como Bolívar era representante de uma elite que aceitaria um monarca nativo substituindo a Espanha do mesmo modo que aceitou um formato republicano, desde que preservado o *status quo* e o controle das massas escravas e indígenas. O correto seria compreender o processo de independência em um contexto mais amplo, desmistificando a figura de Bolívar que, mesmo sendo um portador a contragosto de legítimas aspirações americanas, estava preocupado de fato com a manutenção da ordem nas antigas colônias.

Enfim, o texto de Marx e dos seus comentadores é uma ótima oportunidade para refletirmos sobre o papel que a América Latina desempenhou no passado e que virá a desempenhar no plano político e econômico internacionais, ora gravitando em torno dos interesses britânicos, ora dos interesses estadunidenses, mas agora buscando um papel mais soberano ante os poderes do Norte. Muitas das nossas virtudes e de nossas mazelas sociais podem ser explicadas pelas opções políticas tomadas pelos nossos “pais fundadores”, cujas figuras foram apropriadas tanto por forças à esquerda quanto à direita, mas que possuíam projetos bastante claros e que Marx não deixou escapar.

MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2008, 76 páginas.